

Senador José Sarney escreve livro de memórias em duas partes e diz que seus textos são mais bem recebidos no exterior

CORREIO BRASILENSE

31 JAN 1998

# POLÍTICO APAIXONADO PELA LITERATURA

O senador José Sarney não vacila. "Se eu pudesse ser político ou escritor, ficaria com a segunda opção. Eu não aguardaria um minuto nesse ponto", garante.

Enquanto não decide aposentar o lado militante, José Sarney dá sequência à verve criadora. Atualmente, ele está envolvido em três projetos. O primeiro deles é um romance que se passa numa região de garimpos, no norte do Amapá, onde a personagem principal é uma crioula — "uma francesa que não nasceu na França", detalha. O segundo trabalho é um roteiro sentimental da capital maranhense: *Amor a São Luís do Maranhão*.

Mas o último, e mais trabalhoso, é o seu livro de memórias. "Ele vai do período do meu nascimento até a Presidência e está praticamente concluído. Eu sinto que se eu pudesse abandonar e ficar livre, eu trabalharia nele para terminar. Acho que o tempo começa a se afunilar", comenta, com certa nostalgia.

Enquanto não finaliza a primeira parte de suas memórias, Sarney aproveita para iniciar a segunda parte das histórias de sua vida, contando sobre o período da Presidência até os dias atuais. E as memórias já têm nome: *Testamento para Roseana*, um gesto de carinho com a sua filha.

"A política tem me ajudado na literatura e vice-versa. Sempre levo para o meio político minha visão de intelectual. Isso me faz ver a política como um pouco de realidade e um pouco de ficção", comenta Sarney.

O senador, porém, gosta de esclarecer que não se trata de uma relação de mão única. "A política me faz conhecer os homens. E, para escrever, é importante conhecer a alma dos homens", justifica.

Entre partidos políticos e linhas escritas, ao longo dos anos, se sobressaiu o Sarney de comícios e cargos públicos, que chegou à Presidência da República.

Mas enquanto "brasileiros" e

Dida Sampaio 18.05.94



Sarney batizou as memórias de *Testamento Para Roseana*

"brasileiras" descobriam aquela pessoa das "conversas ao pé do rádio", o escritor aproveitava o exílio da noite para produzir, produzir e produzir. Graças ao pouco sono, José Sarney atravessava noites inteiras escrevendo.

Este último, motivo de grande orgulho. Traduzido em mais de dez línguas, a obra é considerada por seu autor como o principal motivo para sua entrada na Academia Brasileira de Letras.

"Eu não entrei para a Academia

O hábito é antigo. Deu seu primeiro fruto em 1952, quando ele publicou *A Canção Inicial*. E, depois, permaneceu dando origem a novas obras, como textos sobre a pesca de curral (realizada no interior do Maranhão), ensaios literários e um livro de contos — *O Norte das Águas*, publicado em 1977.

de mãos vazias. Entrei com alguns livros, dentre os quais, o mais importante é *O Norte das Águas*", se orgulha.

Depois da entrada para a ABL, vieram outros trabalhos, como *Dez Contos Escolhidos* e o famoso *Marimbondos de Fogo*. Finalmente, veio *O Dono do Mar*, que está na sexta edição em menos de um ano.

*O Dono do Mar* teve sua primeira edição esgotada na França, recebendo elogios de Claude Lévi-Strauss, e foi publicado em espanhol pela editora Fundo de Cultura, a maior em idioma castelhano.

Porém, o escritor Sarney não deixa de mostrar uma ponta de tristeza quando fala do julgamento que o livro sofre em função do Sarney político. "Nunca ninguém vê no livro o escritor, vêem o político. Por isso, ele tem ido tão bem no exterior. Não há a vinculação da pessoa que escreveu com o texto que se está lendo", desabafa.